

Seminários Abertos de Pós-graduação
Linhas de Pesquisa: Ensino de Ciências e Matemática
Linguagem e Educação
Coordenação: Nílson José Machado

Criação e Identidade

A experiência realizada com alunos da 1a série do Ensino
Médio do Colégio Santo Agostinho do Rio de Janeiro/1996

Cecília Canalle Fornazieri
24 de setembro de 2004

1. A qualidade de um texto reside não apenas em suas qualidades estruturais, gramaticais e semânticas; mas:

- na clareza que o autor porta de seus valores a partir de sua história pessoal e
- no seguir os grandes mestres da escrita e o professor (autoridade).

“Saber o que se é equivale a estar orientado no espaço moral, um espaço em que surgem questões acerca do que é bom ou ruim, do que vale e do que não vale a pena fazer, do que tem sentido e importância para o indivíduo e do que é trivial e secundário.” (TAYLOR, As Fontes do Self, p.44)

“Não é possível educar sem ao mesmo tempo ensinar: uma educação sem ensino é vazia e degenera com grande facilidade numa retórica emocional e moral. Mas podemos facilmente ensinar sem educar e podemos continuar a aprender até ao fim dos nossos dias sem que, por essa razão, nos tornemos mais educados.” (ARENDT, A Crise na Educação in Quatro Textos Excêntricos, p.52)

“A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir.” (ARENDT, A Condição Humana, p.16).

“...ser-pessoa significa um absoluto ser-diferentemente. Com efeito, o essencial e valioso caráter de algo único de cada homem não significa senão que ele é precisamente diferente de todos os outros homens”. (FRANKL, Psicoterapia e Sentido da Vida, 1989, p. 117).

“Identidade e a moralidade apresentam-se como temas inextricavelmente entrelaçados.”
(TAYLOR, A Construção do Self, p.15)

DIVISÃO DE BENS

Era o dia. A mãe, de um lado, argumentava que a cabeça era de seu direito. Lá estavam as historinhas de príncipes e dragões armazenadas e bem arquivadas todas as noites. O pai, no outro extremo, insistia: isso não era considerável. Considerável eram as instruções de como jogar futebol e empinar uma pipa. Exigiu também o nariz onde estava registrado o cheiro do bolo de chocolate das quintas-feiras.

A mãe calou-se. Respirou fundo. E lutou por aquilo que realmente lhe era de direito. "O coração é meu. Lá é que está guardado o dia que remendei seu primeiro ursinho felpudo quando, chorando, me mostrou a orelha pendurada". Aliás, o filho lhe era todo de direito. Foi ela, dentro dela, que montou cada pecinha do menino.

Ele, ali mesmo, em frente ao homem do martelo. Já havia se perdido há muito. Seus olhos embaraçados tentavam acompanhar o jogo de palavra dos pais. Quem ganharia? Empate. A cabeça e o nariz com o pai, o coração acompanhado do resto com a mãe. Os dois, felizes; o filho, quebrado. A peça, escangalhada.

Laura Campos de Brito
1ª série do Ensino Médio

3. O Homem é o ser que busca sentido para a vida.
O sentido da vida se encontra no embate com o cotidiano.

“O homem é um ser que, propriamente e em última instância, se encontra à procura de sentido. Constituído e ordenado para algo que não é simplesmente ele próprio, direciona-se para um sentido a ser realizado”. (FRANKL, Viktor. Psicoterapia para todos: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva, p.11).

“Eu sou eu e minha circunstância. E se não a salvo a ela, não me salvo a mim.” (Ortega y Gasset. Meditaciones del Quijote)

“É a própria vida que faz perguntas ao homem. O que o homem tem que fazer não é interrogar, mas ser interrogado pela vida e à vida responder: o homem tem que responder à vida, tornando-se ‘responsável’. Entretanto, as respostas que o homem dá só podem ser respostas concretas a ‘perguntas vitais’ concretas. É na responsabilidade da existência que se dá a sua resposta; é na própria existência que o homem ‘efetiva’ o responder-lhe às questões que lhe são próprias.” (FRANKL. Psicoterapia e Sentido da Vida, p.96)

Adélia Prado: (...) E onde é que nós temos o real? É na cena cotidiana. Todo mundo só tem o cotidiano e não tem outra coisa. Eu tenho este corpo que eu carrego (ou ele me carrega... o burro) e a vidinha de todo dia com suas necessidades mais primárias e irreprimíveis. É nisso que a metafísica pisca para mim e a coisa da transcendência: quer dizer: a transcendência mora, pousa nas coisas... está pousada ou está encarnada nas coisas. (Entrevista in <http://www.hottopos.com.br/videtur9/renlaoan.htm>)

Frenopatia

Obrigado, Drummond!!!
Por me lembrar que o novo,
Que tudo de bom..
Mesmo que seja ano,
Em mim cochila...
E espera.
Mesmo que eu seja insano?
Fala Drummond,
Meu bom amigo Drummond...
O que eu faço,
Não com as noites, mas, sim as eternas noites
Dos meus dias oníricos?
Que faço com os açoites
Fustigantes de minha mente?
Se mesmo com seus poemas,
Mesmo com os meus
Mais líricos
Poemas, permanece minh'alma
Flagelada e doente...

Edson Boia

4. O professor é o pontífice entre a busca de sentido e a circunstância (a disciplina e a circunstância). Quanto mais profunda esta relação, maior a contribuição para a identidade do aluno e, portanto, para a educação.

----- Original Message -----

From: Vinicius Pereira

To: Cecilia Canalle

Sent: Wednesday, September 01, 2004 12:27 AM

Subject: É, não?

Fala aí, Cecília! Hoje mandei esse aqui pra todas as ex-amantes, depois re-li e resolvi te mandar, tô:

É essa ansiedade, ou angústia, esse negócio que dá de noite, que te pega quando você parece que está tranquilo, mas que nunca está. Aí você nem sabe mais se é carência ou o quê.

Certamente qualquer companhia conforta momentaneamente esse negócio. Uma cerveja com um amigo, um pulinho só na roda de choro, uma pizza na Real, qualquer dessas atividades basta. Por uma noite, basta.

Toda noite é assim. Depois que o sono passou, mas que eu insisti em buscar alguma coisa para fazer acordado, pronto, eis que pinta essa dorzinha... mais pra aflição que pra dor, mais pra ansiedade que pra qualquer coisa.

É aquela falta que nem o melhor amigo preenche. É aquele desejo que nem a melhor amante sacia. É aquela coisa de saber que só há esperar. Esperar por que há, em algum momento, em algum lugar, mais que a moça que quase.

Mas basta quem diz sou eu. Simplesmente opção. Optar por parar e por trabalhar, conhecer, ir a fundo. Será talvez medo, ou preguiça de olhar melhor para o que já está aí? Será que o ceticismo é tanto que o meu próprio organismo passou a bloquear o PLIN?

Por que faz tempo que num olho pra uma e PLIN, sabe? Já faz bem uns 2 anos. Digo paixão, pré-disposição para querer desbravar o coração alheio e nele investir sem medir conseqüências, ou justamente buscando através dele a oportunidade para experimentar coisas que só a dois se vive.

Dois de sexos opostos.

Tá faltando vontade de compor. Motivo pra não deixar as tantas idéias musicais passarem. As idéias passam como os belos corpos na rua... um breve momento de inspiração, de beleza, mas se esvai...

Muito pretexto que não vale a pena.

Agora, só uma dúvida. Como é mesmo que sabemos qual aquele que vale?

Vinicius

5. O método

O caminho para se encontrar “*qual aquele que vale*” é a comparação com o conjunto de exigências por beleza, justiça, verdade e plenitude presente em mim e na história humana (tradição).

A Existência em Julho

Na ausência de atividades matutinas estava difícil acordar antes da uma da tarde. A vida seguia descompromissada e sem grandes pretensões. Uma cerveja aqui, uma festinha ali e madrugadas insones, às vezes até reconfortantes. Mas afinal o que se podia esperar da existência humana? A fé raramente se manifestara nesse último ano. Os amigos iam e vinham como a maré. E pareciam sofrer do mesmo sintoma. As mulheres paulistanas se mostravam cada vez mais compostas da mesma matéria prima que a cidade: concreto e cimento.

Em uma dessas madrugadas frias, para não dizer funestas, conversava na cozinha de casa com um velho amigo, conhecido na intimidade por Comendatore. O chão gélido e minha pressão caindo. Estava confortável mesmo assim. Comendatore me falava da vida.

- Até os trinta pode abusar o corpo agüenta. Faça todas as extravagâncias e viva a vida que depois disso as informações demoram mais a se depurarem.

Isso soa elucidativo e empolgante aos meus ouvidos, mas talvez eu não queira saber dos mistérios todos do universo.

- Escuta, o que você acha de ligar o fogão para esquentar um pouco a casa?

- Olha, o fogão dissipa um tipo de energia telúrica conhecida como verde negativo que não é legal.

- Bom, então eu pego o aquecedor portátil.

Comendatore concordou e ficou tudo bem naquela noite. Eu não podia entender o que acontecia com o élan, onde isso tinha se extraviado das nossas vidas. Que pretensão esse plural talvez o fenômeno só ocorresse comigo. Era cada vez mais raro baixar a inteligência espiritual, a fluidez do universo. Fazia um exercício de memória tentando lembrar as últimas vezes que havia me sentido íntegro, de corpo e alma com o todo. Cantando Bajulans com o coral na igreja ano passado, durante o trecho *Cibi Crucis*, *Calvarium*. Ano retrasado, durante o mês de dezembro, quando vivi sozinho em Nova York. Fazia tempo. Às vezes transando, mas o tipo de sensação era mundana, cópia barata do nirvana, e fazia tempo também.

Experimentava um estado neutro que misturava perturbação com serenidade. Nada aconteceria nos próximos dias, portanto, não havia o que temer. Nenhuma mulher para dividir a cama, nenhuma paixão em vista, nenhum compromisso profissional relevante. Minha dúvida: será que é por isso que está difícil sair da cama?

Buscava compreender melhor a situação analisando a vida das pessoas próximas. Dois amigos haviam se separado de suas mulheres no começo daquele ano, como eu. Um deles Fidel, que havia conhecido há mais de dez anos em uma festa adolescente maluca, tocara a campainha de casa sem avisar e então lá estávamos, na mesa de vidro da cozinha, coberta por uma toalha com frutas estampadas, as cervejas abertas e apoiadas.

- Ai! A desgraça se abateu sobre mim. A convivência com quem amo se tornou uma úlcera impossível de manter. Estou só. Veja, sinta e partilhe da minha dor. Repare como estou fodido, sinta pena de mim e tente em vão me confortar. Isso me fará bem. Você é meu amigo ou não é?

- Sou mas essa ladainha me enche profundamente o saco. Me faz lembrar da medíocre condição similar em que me encontro. Você nasceu só e assim irá terminar a comédia também. Vai se acostumando.

- É, eu sei, eu sei. João, estou precisando de uma mulherzinha, vamos cair na noite.

Em minutos estávamos no bar estampado por centenas de quadrinhos com fotos de futebol. Ao meu lado uma foto do Zico nos tempos do flamengo, de shorts curtos e camisa pequena, comemorando um gol com seus companheiros de time. O punho cerrado num gesto de vitória e a determinação estampada em seu rosto. Aquilo realmente não me dizia nada, mas era legal.

Diversos chopes depois Laura sai da mesa cheia de homens que estão indo embora e começa a conversar com duas meninas na mesa vizinha a nossa. As meninas insistem para ela ficar. Ela fica. Seus olhos são negros e ela é alta, uma beleza meio andaluz. A amiga é loirinha e a outra baixa de cabelos crespos. Então ocorre um fenômeno engraçado: se começo a falar sobre jazz com Fidel elas falam sobre jazz, se falamos sobre mulheres, elas falam sobre homens. Fidel á não se agüenta mais e vai ao banheiro. Começo a conversar com elas; estão disponíveis à maneira paulistana, fingindo que não se importam. SACO! Ninguém se importa mais com merda nenhuma. Essa cidade é uma fábrica de gente endurecida pela hora do rush.

Estávamos altos e voltando para casa, no carro. A cidade estava calma às quatro da madrugada. Fidel começa o mantra daquela noite.

- É, você viu a Laurinha, a amiga, qualquer uma. Elas estavam a fim, A FIM. E no final, casseta e planeta, não comi ninguém. Porque não quis. Mulheres são entidades complexas que para virarem seu brinquedinho sexual carecem de muita estratégia e paciência na maioria das vezes.

- É, eu sei, eu sei. Laurinha, Laurinha...

Agora temos um novo fantasma em nossa existencial: Fidel sempre procura Laurinha pelos bares, mas raramente acha. O que eu tentei dizer para ele é que quem se desloca tem prioridade.

A família, os amigos, colegas de escola, do trabalho, as amantes, as amadas e os amores. Seriam todos ícones estereotipados por uma percepção torpe? Não, são anseios, desejos e conflitos como eu, Fidel e Comendatore. E é assim que merecem ser consideradas. Eu insisto.

E lá nave va...

João Zílio (Música)
FASM, novembro de 2003.

A Caneta do Meu Avô

O relacionamento que eu tenho com a escrita procede de um fato marcante em minha vida, talvez insuperável. Meu avô paterno, de uma grande firmeza de caráter, viu sua neta se desvirtuando do rebanho quando prestei FASM.

Com aqueles chavões de que “isso não dá dinheiro” apunhalou o meu destino com uma adaga; senti tanto ódio que por vontade própria prestei e entrei.

Neste mesmo ano ele descobriu que estava muito doente, possuía uma forma rara de câncer. Um desespero abateu a família e esqueci de tudo e quase que por inteira me dediquei à família, ao meu pai que estava desolado. Passei a maior parte do tempo no hospital cuidando do meu avô, vendo o impetuoso se esvaír cada dia mais, até o já esperado momento.

Meu avô se dedicava à escrita (sendo ele exímio escritor) de suas últimas memórias. Entre um cochilo e outro eu me dedicava à interpretação de seus textos, me emocionando e rindo ao mesmo tempo. Um deles foi escrito para mim. O que mais me chocou foi a forma como ele me descrevia: impetuosa, jamais abaixa a cabeça, nem para mim! O que me levou aos prantos, o ódio sumiu e veio o amor verdadeiro.

Um dia chegando ao hospital vi o inexplicável, meu avô em pé rindo e brincando com amigos e familiares. Chegando a mim e me dando uma pequena caixa sorriu e disse: “Esta é para a minha desenhista”.

Ele veio a falecer no outro dia.

Hoje, assino todos os trabalhos com esta preciosa Mont Blanc.

Giuliana Morelli (Desenho de Moda)
FASM. Outubro de 2003.

7. Autoridade: “entre o passado e o futuro”

Nunca conheci quem tivesse sido Estático ou Antigo.

Todos os meus conhecidos têm sido Dinâmicos e Modernos em tudo.

(Pessoa parafraseado por Machado, *Matemática e Língua Materna*, p. 61.)

DESCALO – Quais são as novidades?

DUQUE – A única coisa que se pede continuamente é a novidade a qualquer custo, e é perigoso demais demonstrar ser velho em qualquer tipo de coisa, e é considerado virtuoso especialmente aquele que não mantém linha de constância alguma em nenhum tipo de empreendimento. Não ficou no mundo boa fé suficiente para manter de pé a sociedade, mas existe muita má fé a ponto de fazer com que a sociedade não consiga mais depositar sua confiança em nada. Em torno desse desequilíbrio que continua o mundo. (SHAKESPEARE, *Misura per Misura*, ato III, cena II, p.129)

DESCALO - Quais são as notícias que vão aí pelo mundo?

DUQUE - Nenhuma, a não ser que o bem está tão doente que o único remédio é a dissolução. As novidades, eis o que todos querem saber, e é tão perigoso ser idoso em qualquer gênero de vida, como virtuoso ser inconstante em qualquer coisa. Mal existe a verdade necessária para que as sociedades sejam seguras, mas há bastante segurança para fazer as amizades amaldiçoadas. É em grande parte em torno deste enigma que gira a sabedoria do mundo. (SHAKESPEARE, *Medida por Medida*, ato III, cena II, p.177)

“A verdadeira dificuldade da educação moderna reside, pois no facto de, para lá de todas as considerações da moda sobre um novo conservadorismo, ser hoje extremamente difícil garantir esse mínimo de conservação e de atitude de conservação sem a qual a educação não é simplesmente possível. E há boas razões para isso. A crise de autoridade na educação está intimamente ligada com a crise da tradição, isto é, com a crise da nossa atitude face a tudo o que é passado. Para o educador, este aspecto é especialmente difícil uma vez que é a ele que compete estabelecer a mediação entre o antigo e o novo, razão pela qual a sua profissão exige de si um extraordinário respeito pelo passado. Ao longo dos séculos, isto é, durante o período da civilização romano-cristã, o educador nunca teve necessidade de tomar consciência desta sua qualidade especial. A reverência relativamente ao passado era parte essencial da estrutura romana de pensamento, estrutura essa que o cristianismo não alterou nem suprimiu antes estabeleceu sobre diferentes fundamentos. (...)A autoridade do professor está firmemente fundada na autoridade mais ampla do passado enquanto tal.” (ARENDT, *A Crise na Educação*, p.48)

«A forma mais clara que o homem moderno tem ao seu dispor para manifestar o seu descontentamento em relação ao mundo e o seu desagrado relativamente às coisas tal como elas são consiste na recusa de, relativamente aos seus filhos, assumir a responsabilidade pelo mundo. No fundo, é como se os pais dissessem diariamente aos seus filhos: 'Neste mundo, nem mesmo nós estamos seguros em nossa casa. Como devemos mover-nos no mundo, que devemos saber, que competências devemos adquirir, são mistérios também para nós. Vocês devem pois procurar desvencilhar-se o melhor possível por vós próprios. Em circunstância alguma nos podem pedir contas. Somos inocentes e lavamos as mãos quanto ao vosso destino.'». (p.46)

"Pela educação, os pais assumem por isso uma dupla responsabilidade - pela vida e pelo desenvolvimento da criança, mas também pela continuidade do mundo. Estas duas responsabilidades não coincidem de modo algum e podem mesmo entrar em conflito. Num certo sentido, a responsabilidade de desenvolvimento da criança vai contra a responsabilidade pelo mundo: a criança tem necessidade de ser especialmente protegida e cuidada para evitar que o mundo a possa destruir. Mas, por outro lado, esse mundo tem necessidade de uma protecção que o impeça de ser devastado e destruído pela vaga de recém-chegados que, sobre si, se espalha a cada nova geração."(p.38)

"Na medida em que a criança não conhece ainda o mundo, devemos introduzi-la nele gradualmente; na medida em que a criança é nova, devemos zelar para que esse ser novo amadureça, inserindo-se no mundo tal como ele é. No entanto, face aos jovens, os educadores fazem sempre figura de representantes de um mundo do qual, embora não tenha sido construído por eles, devem assumir a responsabilidade, mesmo quando, secreta ou abertamente, o desejam diferente do que é. Esta responsabilidade não é arbitrariamente imposta aos educadores. Está implícita no facto de os jovens serem introduzidos pelos adultos num mundo em perpétua mudança. Quem se recusa a assumir a responsabilidade do mundo não deveria ter filhos nem lhe deveria ser permitido participar na sua educação.

No caso da educação, a responsabilidade pelo mundo toma a forma da autoridade. A autoridade do educador e as competências do professor não são a mesma coisa. Ainda que não haja autoridade sem uma certa competência, esta, por mais elevada que seja, não poderá jamais, por si só, engendrar a autoridade. A competência do professor consiste em conhecer o mundo e em ser capaz de transmitir esse conhecimento aos outros. Mas a sua autoridade funda-se no seu papel de responsável pelo mundo. Face à criança, é um pouco como se ele fosse um representante dos habitantes adultos do mundo que lhe apontaria as coisas dizendo: «Eis aqui o nosso mundo!»

Todos sabemos como as coisas hoje estão no que diz respeito à autoridade. Seja qual for a atitude de cada um de nós relativamente a este problema, é óbvio que a autoridade já não desempenha nenhum papel na vida pública e privada (...). No essencial, significa isto que se não pede já a ninguém, ou se não confia já a alguém, a responsabilidade do que quer que seja."(p. 43)

“É justamente para preservar o que é novo e revolucionário em cada criança que a educação deve ser conservadora. Ela deve proteger a novidade e introduzi-la como uma coisa nova num mundo velho, mundo que, por mais revolucionárias que sejam as suas acções, do ponto de vista da geração seguinte, é sempre demasiado velho e está sempre demasiado próximo da destruição.” (p.48)

“Por outro lado, a forma mais clara que o homem moderno tem ao seu dispor para manifestar o seu descontentamento em relação ao mundo e o seu desagrado relativamente às coisas tal como elas são consiste na recusa de, relativamente aos seus filhos, assumir a responsabilidade pelo mundo.”(p.45)

“A verdadeira educação deve ser *uma educação para a crítica*. Até os 10 anos (talvez até antes, hoje em dia), a criança ainda pode repetir: “Quem disse isso foi a professora, quem disse isso foi minha mãe”. Por quê? Porque, por natureza, quem ama a criança coloca na sua mochila, sobre suas costas, aquilo que de melhor experimentou na vida, aquilo que de melhor escolheu na vida. Mas, a um certo ponto, a natureza dá à criança, a quem era criança, o instinto de pegar a mochila e de colocá-la diante dos olhos (em grego se diz *pro-bállo*, do qual deriva “problema”). Deve, portanto, tornar-se *problema* aquilo que nos disseram! Se não se tornar problema, nunca amadurecerá e será abandonado ou mantido irracionalmente. Uma vez trazida para diante dos olhos, remexe-se dentro da mochila. Sempre em grego, esse ‘remexer dentro’ se diz *Krinein*, *Krísis*, do qual deriva ‘crítica’. A crítica consiste, então, em dar-se a razão das coisas, não possui um sentido necessariamente negativo.”(GIUSSANI, *Educar é um Risco*, p.76).

“Para ser de verdad revolucionarios en sentido positivo, debamos acoger la tradición con agradecimientos, no de forma pasiva, medrosa, gregaria, sino con capacidad de crear sobre su base algo nuevo y valioso.”(QUINTÁS, *Inteligencia Creativa: el Descubrimiento Personal de los Valores*, p.147)

“Em suma, é a disposição adequada a um homem que percebe claramente ter a perder algo que aprendeu a amar; um homem de certa forma rico em oportunidades de prazer, mas não tanto que possa dar-se ao luxo de ser indiferente à perda. Aparecerá mais naturalmente no velho do que no jovem, não porque os velhos sejam mais sensíveis à perda, mas porque eles costumam ter mais consciência dos recursos de seu mundo e portanto tendem menos a considerá-los inadequados. Em algumas pessoas, essa disposição é fraca simplesmente porque elas ignoram o que seu mundo tem para oferecer-lhes; o presente parece-lhes ser apenas um resíduo de inoportunidades.” (OAKESHOTT, *Do fato de Ser Conservador in Ideologias Políticas*, p.22.)

BIBLIOGRAFIA

- ARENDT, Hannah. *Quatro Textos Excêntricos*. Lisboa: Relógio D'água, 2000.
- , *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- FRANKL, Viktor. *Psicoterapia para todos: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva*. Petrópolis: Vozes, 1990
- , *Psicoterapia e Sentido da Vida*. São Paulo: Quadrante, 1989.
- GIUSSANI, Luigi. *Educar é um Risco*. São Paulo: Edusc, 2004.
- OAKESHOTT, Michael. Do fato de Ser Conservador in *Ideologias Políticas*. Brasília: UnB, 1999.
- QUINTÁS, Alfonso López. L. *Inteligencia Creativa: el Descubrimiento Personal de los Valores*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.
- TAYLOR, Charles. *As Fontes do Self: a Construção da Identidade Moderna*. Loyola: São Paulo, 1997.
- SHAKESPEARE, William. *Medida por Medida, Obra Completa*, tradução F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1988, vol. II.
- , *Misura per Misura*, Milão: BUR, 1997.